

“DISCRETO, SIGILOSO, NÃO AFEMINADO”: REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS E HETERONORMATIVIDADE NO APLICATIVO DE RELACIONAMENTOS *GRINDR*

Thiago Benitez de Melo¹

Maria Elena Pires Santos²

Resumo

O objetivo deste artigo é compreender como são construídas, por meio de discursos de autorrepresentação, as identidades dos usuários do aplicativo de relacionamentos *Grindr*, utilizado principalmente por homens gays (ou bissexuais), com a finalidade de marcar encontros. Busco, especificamente, analisar as representações (homos)sexuais que esses sujeitos fazem de si mesmos e do outro em seus perfis virtuais, averiguando o confronto entre a escolha de certas identidades e o silenciamento de outras em um contexto fronteiriço (Foz do Iguaçu – BR; Ciudad del Este – PY). A escolha desse aplicativo se deu em razão do seu crescimento e expressiva popularidade adquirida nos últimos anos, visto que os usuários, caso queiram, podem disponibilizar fotografias e informações básicas sobre si para criarem um tipo de “autoidentidade”. Para tanto, o percurso metodológico seguiu a abordagem de pesquisa qualitativa interpretativista no meio digital/virtual, buscando romper com as fronteiras disciplinares, em direção a uma discussão inter/trans/indisciplinar. A pesquisa apontou para práticas subterrâneas de relacionamentos já que, por medo de sofrerem preconceito e segregação social, muitos homossexuais utilizam o espaço cibernético como um esconderijo, onde manifestam seus desejos eróticos, sexuais e afetivos.

Palavras-chave: Identidades; Representações; Sexualidade; Linguagem; *Grindr*.

***“Discreet, confidential, not effeminate”:* identity representations and heteronormativity in the *Grindr* relationship application**

Abstract

The purpose of this article is to understand how, through self-representation speeches, the identities of users of the *Grindr* relationship app, used mainly by gay (or bisexual) men, are built, with the purpose of making appointments. I seek, specifically, to analyze the (homo)sexual representations that these subjects make of themselves and of the other in their virtual profiles, investigating the confrontation between the choice of certain identities and the silencing of others in a border context (Foz do Iguaçu – BR; Ciudad del Este – PY). The choice of this application was due to its growth and expressive popularity acquired in recent years, since users, if they want, can provide photographs and basic

¹ Mestre em *Linguagem e Sociedade* e doutorando em *Sociedade, Cultura e Fronteiras* na área de concentração em *Linguagem, Cultura e Identidade* pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Professor na área de Literatura, Produção Textual e Estudos da Linguagem. E-mail: thiago_benitez@hotmail.com

² Professora do curso de *Letras* e dos programas de pós-graduação em *Letras e Sociedade, Cultura e Fronteiras* da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Possui mestrado em *Estudos da Linguagem* pela Universidade Federal do Paraná e doutorado/pós-doutorado em *Linguística Aplicada* pela Unicamp. E-mail: mel.pires@hotmail.com

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

information about themselves to create a type of “self-identity”. To this end, the methodological path followed the approach of qualitative interpretive research in the digital/virtual environment, seeking to break the disciplinary boundaries, towards an inter/trans/indisciplinary discussion. The research pointed to underground relationship practices since, for fear of suffering prejudice and social segregation, many homosexuals use cyber space as a hiding place, where they manifest their erotic, sexual and affective desires.

Keywords: Identities; Representations; Sexuality; Language; Grindr.

Introdução

A contemporaneidade, nas últimas décadas, vem sendo marcada por inúmeras rotulações e designações para dar conta de suas intensas transformações: sociedade pós-moderna (HARVEY, 1993), modernidade reflexiva (LASH, 1997), modernidade líquida/fluida (BAUMAN, 2001), sociedade complexa (MORIN, 2005), modernidade tardia (HALL, 2006), sociedade superdiversa e multicultural (VERTOVEC, 2007) entre outros. No bojo dessas classificações, estão os indivíduos que formam os múltiplos grupos, comunidades e povos que, por sua vez, compõem e movimentam as sociedades, as quais passam por um intenso processo de re/des/configuração. Doravante, seria impossível vermos e analisarmos os sujeitos que vivem (n)este mundo contemporâneo sem considerarmos os constantes fluxos e fricções culturais, os quais ficaram mais próximos uns dos outros com o profundo processo globalizatório do final do século XX.

As recorrentes transformações sociais, culturais e políticas, oriundas da liquidez e fluidez do atual momento histórico, nos impulsiona a refletir sobre os sujeitos historicamente ativos – formados por relativos processos de subjetivação marcados por relações de poder, segundo Foucault (2002) – que estão imersos nesse contexto. Ademais, essa era de instantaneidade (BAUMAN, 2001) nos possibilita analisar quais e como são construídas, por meio das representações discursivas, as identidades dos sujeitos sociais imersos na contemporaneidade, refletindo sobre suas implicações e seus atos nesses espaços multi/pluriculturais.

Concomitantemente a esse multiculturalismo, encontra-se um “mundo” que parece se invisibilizar (e também é invisibilizado): o mundo gay. Quebrar as fronteiras da heteronormatividade³

³ A ideia de heteronormatividade tem sido pensada por alguns autores (BUTLER, 2002; FOUCAULT, 2002; MISKOLCI, 2015) como a ordem dominante em que os sujeitos se veem solicitados (quase que empurrados) a serem heterossexuais desde o nascimento, seguindo uma base binária (homem, macho, heterossexual *versus* mulher, fêmea, heterossexual), na qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados. Ou seja, a heteronormatividade seria a conduta moral e sexual que homens e

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

significa ameaçar a hegemonia masculina, e também a feminina, em detrimento de uma liberdade sexual e cultural. Esse rompimento com o normativo, no entanto, não se dá de forma harmônica e tão fluida como parece, já que aquilo que não é parâmetro de medida em nossa sociedade é tomado como vergonhoso, estranho, desviante e até mesmo perigoso (BECKER, 2008).

O universo homossexual foi, por décadas, construído por relações no silêncio e, ao mesmo tempo, silenciadas, compostas por meio de práticas subterrâneas enclausuradas no privado, distantes do olhar público, nos espaços marginais e subalternos das cidades e das casas (PERLONGHER, 2008). Muitas dessas relações ocorriam, por isso, à deriva, entre sujeitos desconhecidos que ansiavam por “pegação” rápida e ágil (GREEN, 1999), os quais marcavam encontros nos mais variados lugares escondidos: banheiros públicos, saunas, becos e praças, quase sempre durante à noite (PERLONGHER, 2008). Tais espaços, embora ainda muito frequentados, ganharam outros concorrentes que facilitaram esses encontros às escondidas: os aplicativos móveis de relacionamentos homoafetivos (mais comumente conhecidos como “aplicativos de pegação gay”).

É na fronteira entre o mundo *online* (espaço virtual) e o mundo *offline* (espaço físico) que se encontra a dimensão das práticas e experiências cotidianas que compõem a cena social do mundo moderno, imersas em trânsitos e movimentos permanentes entre os diversos aspectos do multiculturalismo. Isso quer dizer que é no ciberespaço onde acontece a desterritorialização contínua do real, que afeta a maneira como lidamos com o tempo-espaço. Em outras palavras, o mundo virtual, especificamente a internet, tornou-se “um prato cheio para os famintos” por relações afetivo-erótico-sexuais, por causa da sua intensa difusão e infinitas potencialidades de encontrar parceiros sexuais virtuais, que podem vir a se tornar físicos, adequados às fantasias individuais de cada indivíduo. Além disso, há a possibilidade de criação de vários papéis sociais (inclusive falsos), bem como certa garantia de anonimato e segurança nessas interações (SILVA, 2012).

Dito isso, esse artigo objetiva compreender como são construídas, por meio de discursos de autorrepresentação, as identidades dos usuários do aplicativo de relacionamentos *Grindr*, utilizado principalmente por homens gays (ou bissexuais), com a finalidade

mulheres devem seguir; todas as demais possibilidades de desejos, prazeres e performances que não se enquadre nesta norma é designada como “anormal”.

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

de marcar encontros. Busco, especificamente, analisar as representações (homos)sexuais que esses sujeitos fazem de si mesmos e do outro em seus perfis virtuais, averiguando o confronto entre a escolha de certas identidades e o silenciamento de outras em um contexto fronteiro (Foz do Iguaçu – BR; Ciudad del Este – PY). Vale frisar que, no aplicativo em questão, os sujeitos, caso queiram, podem disponibilizar fotografias e informações básicas sobre si – como altura, peso, etnia, porte físico e preferências sexuais – para criar um tipo de “autoidentidade”. Para efetivo funcionamento, o *Grindr* opera segundo ferramentas de geolocalização, as quais fornecem a distância quase exata entre os sujeitos ali inseridos virtualmente. Dessa maneira, o campo de pesquisa do presente trabalho está alocado na fronteira Brasil/Paraguai, o que possibilitou também a percepção de perfis em espanhol.

A pesquisa em questão ocorreu durante os meses de outubro e novembro de 2019, em distintos dias da semana e horários, totalizando 60 dias de trabalho de campo. Foram observados cerca de 100 perfis (dos quais analisarei aqui seis deles) e, para isso, construí um perfil *online* no aplicativo apresentando-me como pesquisador, convidando os demais usuários a fazerem parte da pesquisa, utilizando, para isso, anotações em diário de campo e análise de perfis virtuais – capturados por meio de *print screen* do *Grindr* através do sistema operacional *Android*.

O percurso metodológico seguiu a abordagem de pesquisa qualitativa interpretativista no meio digital, buscando romper com as fronteiras disciplinares, em direção a uma discussão inter/trans/indisciplinar (MOITA LOPES, 2006). Amparo-me, para isso, nas perspectivas epistemológicas dos Estudos da Linguagem e da Teoria Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1992; MOITA LOPES, 2002), dos Estudos Culturais e Antropológicos (BAUMAN, 2005; BHABHA, 2003; BUTLER, 2002; CANCLINI, 2011; CUCHE, 2002; HALL, 2006) e da Sociologia (FOUCAULT, 1988; MISKOLCI, 2015; POLLAK, 1989).

1. Percursos de Identidades: conceitos em des/re/construção

Há algumas décadas, as identidades subjetivas não estavam nem perto de serem o centro dos nossos debates, permanecendo apenas como meditação filosófica. Atualmente, elas se tornaram um dos temas que mais aparecem em evidência e estão em voga nos estudos sociais, linguísticos, geográficos e culturais. Não podemos mais negar as fragmentações e desestabilizações das identidades, pois “uma identidade coesa, firmemente fixada e

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

solidamente constituída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha” (BAUMAN, 2005, p. 60).

A trajetória dos indivíduos contemporâneos vem sendo caracterizada por desestabilizações, descontrole, descentralização, destraditionalização e vertigem perante as transformações culturais, políticas e econômicas (FABRÍCIO, 2006). As identidades não têm a solidez de uma rocha, nem são garantidas para toda a vida. Pelo contrário, são bastante negociáveis e revogáveis, e as próprias decisões dos indivíduos, os caminhos que eles percorrem e a maneira como agem são fatores cruciais para suas identidades (BAUMAN, 2005). Além disso, as identidades nunca são homogêneas, mas cada vez mais fragmentadas; não são singulares, e sim multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas (HALL, 2000).

Silva (2000) declara que as afirmações sobre identidade só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a *diferença*. Identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. Quando dizemos, por exemplo, “sou heterossexual”, parece que estamos fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. Contudo, nós só conseguimos e precisamos afirmar isso porque existem outros seres humanos que não são heterossexuais. Em sociedades imaginárias, totalmente homogêneas, onde todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. De certa forma, “é exatamente isto que ocorre com nossa identidade de ‘humanos’. É apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar que ‘somos humanos’” (WOODWARD, 2000, p. 75).

As identidades que construímos, dessa forma, têm relação com nossos papéis sociais, aqueles que assumimos ou deixamos de assumir (BERGER e LUCKMANN, 1985). Em uma sociedade de classes, há mobilidade social, isto é, as pessoas podem mudar suas posições e, concomitantemente, suas identidades; as classes não são fixas e estáticas. Dessa maneira, há uma forte influência da sociedade em nossas constituições enquanto sujeitos: ela determina, em grande escala, o que somos. As identidades, por isso, são atribuídas, sustentadas, transformadas e reconhecidas socialmente, já que ela não é, de forma alguma, pré-existente. É negociada em atos de reconhecimento social, ou seja, também somos aquilo que os outros pensam que somos (BERGER e LUCKMANN, 1985).

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

Também não podemos deixar de explicar uma vertente de identidade sob a ótica da pós-modernidade: as construções das identidades como processos híbridos. As interconexões políticas, econômicas, linguísticas e culturais nos levam a pensar o sujeito como híbrido, um sujeito que se constitui em um contexto inter/transnacional e é interpelado por influências e discursos múltiplos. Canclini (2011) entende por *hibridação* os processos socioculturais em que antigas práticas que existiam individualmente se combinam para gerar novas estruturas. Assim, o autor critica a noção de “identidades puras”, livres de processos de “misturas”. Contudo, não devemos achar que os processos de hibridação cultural e identitários são processos harmoniosos e coerentes, ao contrário, estão sempre em conflito, permeados por lutas ideológicas, as quais são sempre travadas por meio da linguagem, o veículo de materialização das identidades.

2. (Homos)sexualidades: identidades negadas e perseguidas

Ao refletirmos sobre as identidades (homos)sexuais, especificamente, devemos, em primeira instância, estar cientes do terreno escorregadio que as cercam. Contudo, as referências aos conceitos primordiais sobre o tema não devem ser omitidas, sobretudo porque sabemos que as identidades não são dadas ou encontradas em determinado momento da vida de um indivíduo; pelo contrário, elas são (re)construídas, manipuladas, revogadas, muitas vezes silenciadas e até mesmo negociáveis quando necessário. Para Cuche (2002), as identidades podem ser negociáveis porque cada indivíduo integra, de maneira sintética, a pluralidade das referências, identificatórias que estão ligadas à sua história.

Cada sujeito tem consciência de ter uma identidade de forma variável, de acordo com as dimensões do grupo ao qual ele faz referência em tal ou tal situação relacional. Um mesmo indivíduo, desse modo, pode se identificar como heterossexual, bissexual ou homossexual dependendo do contexto e posição de fala, levando em consideração que as identidades funcionam como “bonecas russas”, umas se encaixam nas outras (CUCHE, 2002). Para Britzman (1996), nenhuma identidade sexual é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro lado, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha.

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

Até dois séculos atrás, as práticas homossexuais eram consideradas sodomia, um comportamento vergonhoso, ao qual qualquer pessoa poderia sucumbir. O homossexual (comumente designado como gay de maneira pejorativa) passou a ser singularmente definido como um sujeito que fugia ao padrão vigente. Consequentemente, nascia, assim, uma nova categoria social no campo da sexualidade, que viria a ser, primeiramente, reconhecida, depois rotulada e, por fim, estigmatizada, até chegar à classificação de “desvio da norma” (BERCKER, 2008). Os indivíduos que se encaixassem, ou fossem forçadamente encaixados, nessa categoria, passariam a (con)viver na sociedade com seus desejos reprimidos e com suas práticas sexuais mantidas em segredo, obrigados a suportar o preconceito e a segregação social.

Foram, sobretudo, as sexualidades feminina e homoafetiva as mais prejudicadas pelas restrições e parâmetros do que seria considerado uma sexualidade normal/padrão a partir do século XIX. Foi uma verdadeira caça às bruxas – ou “caça às bichas” como diria Mariusso (2016) – quer dizer, perseguição a todas as práticas relacionadas ao sexo e à afetividade que fugiam aos valores morais (friso aqui, sobretudo, o valores religiosos judaico-cristãos). Em suma, os desejos e práticas sexuais que se desviavam da norma heteronormativa e heterossexista foram rechaçados e perseguidos (MARIUSSO, 2016).

A afirmação foucaultiana de que a sexualidade se tornou, incontestavelmente, um dispositivo histórico de poder, desenvolvido pelas sociedades modernas ocidentais, é fundamental para compreendermos as identidades sexuais que se constroem nas representações culturais. Desconstruir a dualidade rígida do binarismo dos gêneros significa problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um, rompendo com as classificações de normalização do comportamento sexual (LOURO, 2004).

3. (In)visibilidade sexual e práticas subterrâneas

O multiculturalismo e o pluralismo cultural aprofundado direcionaram a sociedade, nos últimos anos, a uma descentralização das memórias oficiais coletivas para a tomada de poder das memórias e identidades subterrâneas (POLLAK, 1989), vistas por muito tempo como clandestinas, infames e envergonhadas. Em outras palavras, memórias e identidades que já foram silenciadas, reprimidas, e tratadas como proibidas por

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

não se enquadrarem no conjunto de regras hegemônico (socio-historicamente imposto) agora parecem estar ressurgindo, deixando de serem coibidas ao passarem a ser “desenterradas”, isso por meio do uso da linguagem, a qual funciona como partilha de significados e sistema de representações identitárias.

Nessa perspectiva, Pollak (1989, p. 11) afirma que “criminosos, prostitutas, vagabundos, ciganos e homossexuais tiveram suas vozes caladas na historiografia, não foram colocados nas ‘memórias enquadradas’”. Esses sujeitos seriam os quais Becker (2008) chamaria de “outsiders”, ou desviantes, isto é, aqueles que fogem às regras sociais, infratores que, pública ou secretamente, estão do lado de fora, para além das margens, das fronteiras ou dos limites impostos pelos detentores do poder.

Para Bhabha (2003), esses sujeitos não pertenceriam, então, aos “museus imaginários” que alguns grupos sociais majoritários criam, onde são escolhidas algumas peças para representar uma comunidade ou um povo, forçando a homogeneidade impossível, já que, segundo o autor, “nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro” (BHABHA, 2003, p. 65).

Concomitantemente a esses fatores, a visibilidade homossexual continuou a ser avaliada negativamente, compreendida como uma forma de deslocamento de gênero, sobretudo quando evidenciada publicamente. A visibilidade, aquela tomada como padrão, é uma noção que busca sintetizar a maneira como uma sociedade confere reconhecimento e busca escancarar certos relacionamentos amorosos, enquanto, ao mesmo tempo, coíbe outras maneiras de se relacionar através de prescrições morais, mantendo outras formas amorosas e sexuais (as desviantes e proibidas) em relativa invisibilidade, no subterrâneo, silenciando seus praticantes, ou seja, a sexualidade passa a ser controlada e vigiada (FOUCAULT, 1988).

Segundo Miskolci (2015), a visibilidade traduz uma relação de poder sofisticada, pois não se baseia em proibições diretas. Para o autor, o regime de visibilidade não pode ser avaliado apenas de maneira positiva, tampouco denotando uma exposição pública generalizada das homossexualidades na vida social cotidiana. Ao contrário, o que aconteceu é que houve a eleição de uma forma “correta” de se tornar visível, vinculada à circulação de representações estereotípicas sobretudo propagados pelas mídias, nas quais algumas identidades passaram a ser mais reconhecidas, visíveis, e se tornaram modelares enquanto outras foram relegadas

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

ao repreensível, mesmo não sendo necessariamente invisibilizadas e silenciadas.

Isso acontece porque a visibilidade sexual mantém hierarquias, com escopos e perfis de reconhecimento que vão dos mais aceitos socialmente (os heterossexuais, especialmente os de pares monogâmicos com filhos, por exemplo), passando por aqueles que começaram a negociar sua visibilidade (como gays e lésbicas socioeconomicamente privilegiadas) até os que foram mantidos ou relegados à abjeção (como travestis, transsexuais e transgêneros).

Vale ressaltar, ainda, que o grande desafio dos estudos sociológicos e antropológicos voltados para o gênero e a sexualidade é buscar entender como são construídas essas identidades sexuais. É necessário “admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira” (LOURO, 2004, p. 28).

4. Por dentro do *Grindr*, abrindo perfis...

A georreferenciamento é um dos maiores atrativos dos aplicativos de relacionamentos, já que utilizam o GPS (*Global Positioning System*) para promover os encontros entre usuários, principalmente homens gays e bissexuais (MEDEIROS, 2018). Ao abrirmos o *Grindr*, observamos fotos dos perfis das pessoas mais próximas e, ao clicarmos na imagem desejada, somos direcionados ao texto de apresentação da página do usuário, podendo-se, então, iniciar uma conversa com o mesmo (*chat*). Os perfis aqui visualizados oscilavam entre 500 metros e 5 quilômetros de distância da minha localização, sendo muitos deles escritos em espanhol, por pertencerem a usuários paraguaios, em função da pesquisa ter sido feita em região de fronteira Brasil/Paraguai⁴.

Na atualidade, o *Grindr* é considerado a rede social mais popular entre a comunidade gay, são mais de 5 milhões de usuários em 192 países (MEDEIROS, 2018). O sucesso do aplicativo deu-se, principalmente, pela facilidade que homens homossexuais e bissexuais encontraram para conhecerem outros homens, para diferentes propósitos, seja para amizade, namoro, encontros

⁴ Na presente pesquisa, por motivos de espaço, me restringi apenas às análises de perfis em português, o que não quer dizer que os usuários em questão necessariamente sejam brasileiros ou estejam no Brasil. Sabe-se que existem muitos brasileiros vivendo em Ciudad del Este, no Paraguai, majoritariamente estudantes de medicina; bem como há muitos paraguaios que utilizam o português para criarem seus perfis.

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

casuais, “pegação” ou apenas “relação sexual sem compromisso”. Frente aos seus concorrentes virtuais (como *Hornet*, *Scruff* ou *Tinder*), o *Grindr* se diferencia por estar no mercado há mais tempo e, por isso, possuir mais perfis cadastrados e ativos. É uma rede social para *smartphones* e *tablets* baseada em geolocalização, ou seja, mostra a distância praticamente exata, em metros e quilômetros, dos outros usuários próximos que também possuem o aplicativo.

Com o crescimento das mídias digitais interativas, a vida sexual vista outrora como “desviante” deixou de estar apenas no “armário” (espaço físico) e passou também à clandestinidade dos aplicativos de relacionamentos (espaço virtual). Ao abrirmos o *Grindr*, um novo mundo nos é revelado. Cada usuário que ali se encontra tem a possibilidade de performatizar a vida cotidiana em diversos “eus”, isto é, formular diferentes identidades, construindo e moldando um perfil com discursos sobre si, às vezes manipulando suas próprias representações. E não são apenas os textos verbais de perfil que constroem essas representações, mas também os recortes das fotografias postadas, as quais normalmente apresentam corpos musculosos de academia ou magros, porém, a grande maioria, com os rostos cortados.

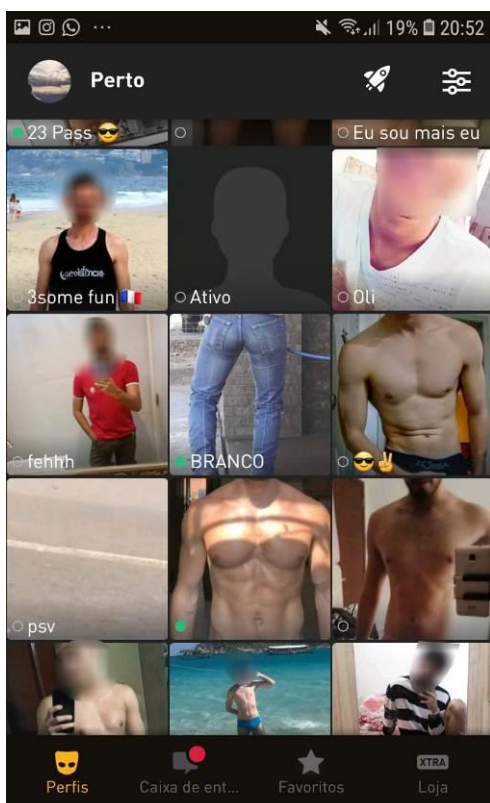


Figura 1: Interface do *Grindr*

Fonte: *Print screen* do aplicativo no sistema operacional *Android*.

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

São barrigas saradas, peitorais musculosos, cenários de academia de musculação, sorrisos de capa de revista, cabelos e barba de ator de novela, um verdadeiro “culto ao corpo”, um endeusamento dos músculos, resultado de mecanismos midiáticos que pregam a supervalorização do corpo e sua fortificação (LE BRETON, 2006). Todavia, são poucos os usuários que optam por mostrar o rosto, possivelmente para manter o anonimato (silenciar-se e invisibilizar-se), já que “a face é a visualidade que apresenta os traços pessoais, por meio da qual é possível identificar uma pessoa. A questão é que ainda poucos usuários desejam ser reconhecidos como homens que têm práticas homossexuais” (MEDEIROS, 2018, p. 57). Por outro lado, segundo Alencar (2017, p.89), “em um contexto de busca de parceiros para encontro, a aparência facial parece não importar tanto; o corpo (torso, abdômen, braços), contudo, é o foco dessa empreitada”.

Além das imagens, os textos verbais dos perfis apontam para as mais variadas solicitações dos usuários: “busco caras discretos”; “não curto gordinhos e afeminados”; “só falo com passivos”; “se for urso nem me chame”; “sem foto, sem conversa”. Em muitas das descrições, percebe-se a preferência por homens “não afeminados, discretos e magros”, como percebemos neste perfil:

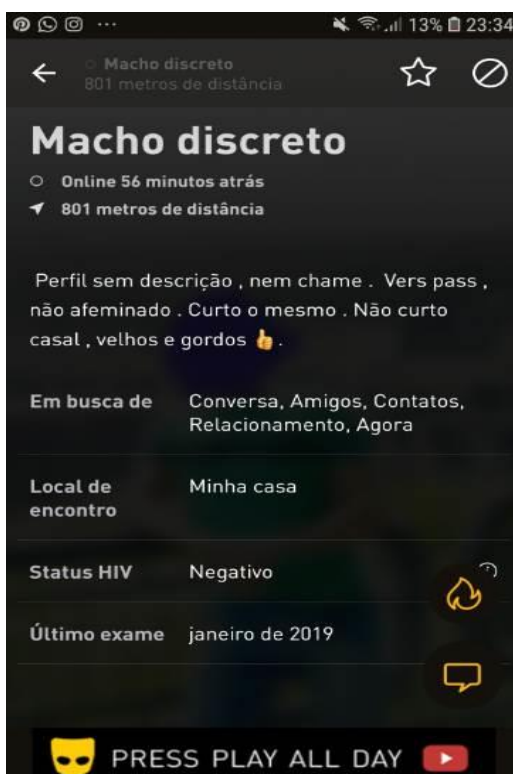


Figura 2: Interface do *Grindr*

Fonte: *Print screen* do aplicativo no sistema operacional *Android*.

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

O dono do perfil autodenomina-se “Macho discreto”. Ele firma não curtir “afeminados, casais, velhos e gordos”. A efeminação masculina parece ser uma das maiores rejeições entre os usuários do aplicativo. Ela parece estar diretamente associada à homossexualidade, isto é, aquele que não se comporta como “macho viril”, e foge aos padrões sociais masculinos, supostamente seria gay. Green (1999) defende que ainda estamos presos no sistema binário de categorias de gênero, heterossexualmente orientadas, no qual, obrigatoriamente, sempre existe um homem e uma mulher, mesmo na relação homoerótica.

A reafirmação da identidade masculina, em detrimento à identidade feminina, aparece como aspecto positivo e superior, reforçando a própria dominação de gênero, com a heteronormatividade e a misoginia. Ou seja, “O signo ‘macho’ é então a expressão do ‘gay mais valorizado’ (‘nem parece gay’), separando o ‘homem que beija homem’ da ‘bicha louca’ – um entendido como ‘normal’ e ‘masculino’ e o outro como ‘patológico’ e ‘feminino’” (GROHMANN, 2016, p. 75).

As identidades associadas ao feminino, ao senil, à poligamia e à obesidade são desaprovadas pelo usuário, o qual utiliza o eufemismo “não curto” para a cristalização de preconceitos históricos que se normalizam por meio da linguagem, uma “normalização discursiva” (FOUCAULT, 2002), que acaba por classificar alguns sujeitos como “naturais” e “normais” e outros como “desviantes” e “patológicos”.

Para Fairclough (1992), a linguagem e o discurso são práticas sociais, maneiras que os indivíduos têm de agir sobre a sociedade na qual estão inseridos e sobre os outros indivíduos com os quais convivem. Língua e discurso estão sempre ligados a processos de identificação social dos grupos que os utilizam. Sendo a linguagem prática social, podemos afirmar que se o conjunto das ações sociais constitui uma ordem social, que é regida pela ordem do discurso, esta, por sua vez, regida por relações de ideologia e poder (FOUCAULT, 2002). É no discurso, então, que as representações se materializam, criando muitas vezes estratégias de segregação e silenciamento, as quais acabam por produzir e reproduzir identidades subterrâneas (POLLAK, 1989), clandestinas e desviantes (BECKER, 2008).

Muitos dos discursos presentes nos perfis pesquisados apontam para o estigmatização da afeminação, já que tal característica estaria “traindo” a masculinidade hegemônica, aproximando o

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

homem biológico ao feminino, o que seria uma apostasia ao “privilégio de ser homem”:



Figura 3: Interface do *Grindr*

Fonte: *Print screen* do aplicativo no sistema operacional *Android*.

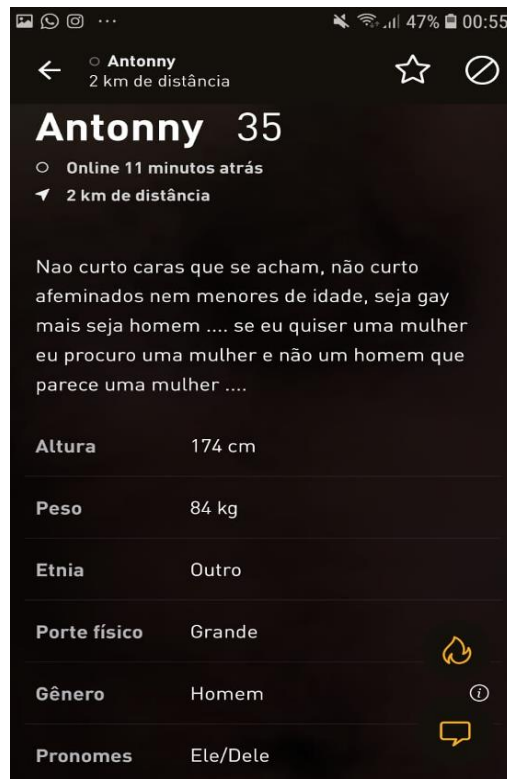


Figura 4: Interface do *Grindr*

Fonte: *Print screen* do aplicativo no sistema operacional *Android*.

Tanto “Thiago23cm36” quanto “Antonny35” afirmam não gostarem de homens afeminados. Antony35 toma a afeminação como sinônimo de “homem que se parece com mulher”. Além disso, alega “não curtir” práticas sexuais com menores de idade e não gostar de “caras que se acham”. Já Thiago23cm36 afirma ser bissexual ativo e gostar de “socar” (um termo muito comum utilizado nos aplicativos de relacionamentos para designar virilidade, varonilidade e brutalidade na prática sexual), sempre de forma segura (certamente referência ao uso de preservativo). Também pede aos usuários que por ele se interessarem, que mandem “foto de rosto sem óculos e boné”.

Interessante é observar nos discursos a maneira como “o parecer mulher” (a proximidade com o feminino) torna-se uma característica negativa para a maior parte dos usuários do aplicativo. Essa concepção, segundo Alencar (2017, p. 74), é “proveniente de uma cultura sexista que inferioriza o papel da mulher (nesse caso, o de receptora ou de penetrada na relação

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

sexual) e que toma o comportamento gay masculinizado como “menos pior”. Nesse sentido, o “parecer homem” seria um privilégio entre os homossexuais, já que às mulheres ainda cabe a subalternidade, isso porque não tivemos muitas figuras femininas que conseguiram se empoderar nas tomadas de decisões e nos espaços públicos, o que fez com que fossem silenciadas e reprimidas nas relações sociais (WOODWARD, 2000).

Laqueur (2001) aponta que, na Idade Média, havia um único modelo ideal de corpo: o masculino. Na época, não existiam termos para a designação do órgão sexual feminino, pois acreditava-se que ele era apenas a “falta do membro sexual masculino”, o pênis que não estava ali; era como se a genitália da mulher não houvesse se desenvolvido adequadamente e, por isso, enrustira-se, voltando-se para dentro, o conhecido “modelo de sexo único”. Desde então, estabeleceu-se e perpetuou-se a supremacia corporal masculina e, concomitantemente, a rejeição por todos os corpos que não são masculinizados (LAQUEUR, 2001).

As descrições dos perfis de “Thiago23cm36” e “Antonny35” almejam autoafirmá-los como portadores de masculinidades estritamente ligadas à virilidade e à varonilidade, pois partem de uma cadeia de adjetivos que tentam posicioná-los em identidades masculinizadas. Para Green (1999), na separação bipolarizada dos papéis sexuais (ativo e passivo), a passividade sempre esteve ligada à afeminação.

Enquanto o homem “passivo”, sexualmente penetrado, é estigmatizado, aquele que assume o papel público (e supostamente privado) do homem, que penetra, não o é. Desde que ele mantenha o papel sexual atribuído ao homem “verdadeiro”, ele pode ter relações sexuais com outros homens sem perder seu status social de homem (GREEN, 1999, p. 28).

A preocupação em autoafirmar-se e autorrepresentar-se, por meio da linguagem, como portador de masculinidades é uma questão estritamente ligada à virilidade (“não curto afeminados” / “23cm”), à brutalidade (“curto meter socar”) e à hombridade (“seja gay mais seja homem”). Os sujeitos analisados deixam transparecer em seus discursos, por meio de escolhas lexicais que revelam uma grande preocupação em autodefinir-se como “machos”, a rejeição por identidades homossexuais que se aproximem à efeminação, o que Cucho (2002) classificaria como identidades negativas. Para o autor, as identidades negativas são originadas através de representações estigmatizadoras e

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

discriminatórias que os sujeitos constroem no discurso. O sujeito que decide aceitar tal identidade, assumindo-a (isso quando o indivíduo tem a possibilidade de escolha dessa identidade), é tido como diferente das referências dominantes e passa a se reconhecer (ou passam a reconhecê-lo) como inferior, infame.



Figura 5: Interface do *Grindr*
Fonte: *Print screen* do aplicativo no sistema operacional *Android*.

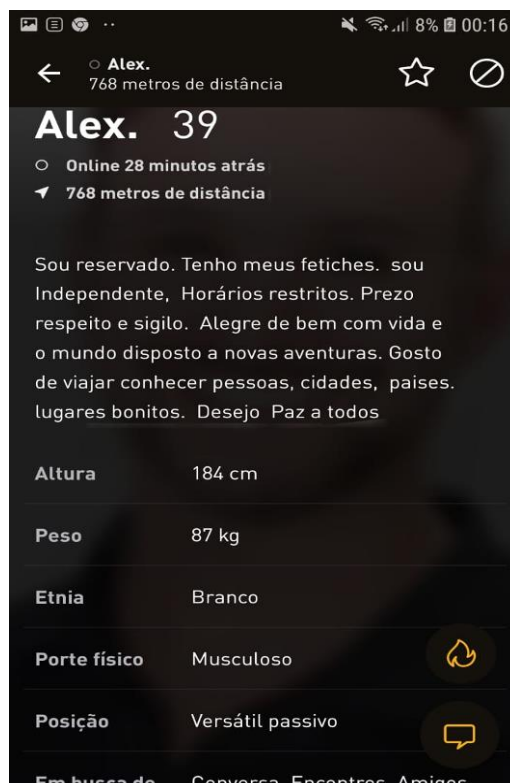


Figura 6: Interface do *Grindr*
Fonte: *Print screen* do aplicativo no sistema operacional *Android*.

Nos perfis acima, percebemos a utilização das palavras “sigilo” e “sigiloso”, intensificadas pelo termo “discreto” na descrição de “discreto,HxH” e “reservado” no perfil de “Alex.39”. Ao optarem pelo silenciamento e discrição, subterraneamente, observamos, em ambos os discursos, a tentativa de afiliação a uma identidade heteronormativa, já que ela, em nossa sociedade, carrega em seu bojo, sobretudo, a preferência pelas expressões de gênero classicamente masculinas. Isso ocorre porque, caso contrário, a masculinidade dos homens seria colocada em xeque, além de que ser um “homem de verdade” possui grande relação com a ideia de onipotência e superioridade.

Entre a discrição e o sigilo, a subalternidade e a clandestinidade, vemos nos perfis analisados uma tentativa de silenciar-se como gay para apresentar-se socialmente como heteronormativo, mesmo não sendo heterossexual, pois o que é possível perceber

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

em ambos os discurso não é apenas a procura por homens “não-afeminados”, mas também a necessidade de autoafirmar-se como “macho, discreto, sigiloso e reservado”.

A tentativa de desvincular a própria imagem da categoria identitária gay faz parte das estratégias presentes nas interações entre os usuários dos aplicativos, fazendo com que escolham certas representações identitárias em detrimento de outras. A heteronormatividade se manifesta de diversas formas nos perfis observados: desde à adoção de um comportamento que preza pela discricção (sigilo) e por um rígido controle de visibilidades (escondendo os rostos e os nomes), passando pela valorização das masculinidades (sobretudo do corpo forte e viril) e pelo afastamento das feminilidades, até a não aceitação de outras formas de se relacionar sexualmente senão a prevista no binarismo macho e fêmea. Essas formas de alcançar o padrão heteronormativo busca a divisão binária dos sexos, estipulando um padrão de “gêneros delimitados”, isto é, tenta manter relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo.

Além da busca pela heteronormatividade e pela invisibilidade homossexual materializadas discursivamente pelos usuários, encontramos também a ocultação do rosto nesses perfis, uma tentativa de manterem-se em um “armário virtual”, onde suas práticas sexuais também estariam na “clandestinidade desviante” (BECKER, 2008), “um armário para dois”, como diria Miskolci (2015), isto é, quando dois homens, declaradamente gays, querem estar juntos, mas em um relacionamento sigiloso. Essas práticas estão, então, localizadas no campo do proibido, do profano, e, por conseguinte, na subalternidade e no subterrâneo, já que fogem ao “enquadramento social” (POLLAK, 1989).

A discricção e o silenciamento não significam apenas tentar distanciar-se de uma identidade homoerótica, homoafetiva e homossexual, mas também aproximar-se uma “identidade heterocêntrica”, a do “macho-alfa”, na qual a virilidade máscula, a brutalidade, a força física e a dominação seriam o ideal de homem. Essa identidade sexual dominante, a qual possui o poder de controlar e vigiar as outras sexualidades tomadas como infames (FOUCAULT, 1988), acaba sendo o grande desejo daqueles que não tiveram “a sorte de nascer homem heterossexual”. Já que não seria possível ser esse sujeito, deve-se, então, pelo menos parecer-se com ele. É fácil entender, dessa forma, o afã de alguns homossexuais pela supervalorização do

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

corpo e sua fortificação (LE BRETON, 2006), por músculos hipertrofiados, peitorais e braços avantajados e abdômes delineados. Para tentarem não se aproximar de certo afeminamento, muitos homens gays, como afirma Medeiros (2018, p. 68):

(...) deixam os cabelos curtos, torneiam seus corpos, usam barba, gesticulam pouco, tornam suas vozes mais graves, características que os diferenciam das tradicionais ideias do que é ser mulher ou travesti. Isso tem como uma causa a grande estereotipação por que os homens homossexuais passaram, historicamente associados à “bicha louca”, imaginário que foi redefinido por militantes *gays* na segunda parte do século XX com a criação da “identidade *gay*”, em que se valorizou certo afastamento do “homem mulherzinha”.

Percebe-se, nesse sentido, a possibilidade de se adotar certas representações identitárias em detrimento de outras. Essas inúmeras maneiras de se escolher e revogar as identidades, em um incessante movimento de construção, desconstrução e reconstrução, são “estratégias identitárias” (CUCHE, 2002) que nos permitem aderir, rejeitar ou relativizar as identidades que escolhemos ou que nos são impostas. Indivíduos ou grupos sociais, ao avaliar determinada situação, podem utilizar-se dos recursos de representação identitária estrategicamente. Vale ressaltar, todavia, que a elaboração de tais estratégias, construídas discursivamente nas interações sociais, não significa que os indivíduos são livres e que possuem sempre autonomia para a definição de suas próprias identidades; pelo contrário, essas negociações estão relacionadas à situação social e aos atores sociais envolvidos (HALL, 2000). Por isso que as estratégias de identidades estão sempre associadas às relações de ideologia e poder; há sempre uma hierarquização que estabelece quem pode representar e identificar mais facilmente do que outros.

Considerações Finais

“Não curto afeminados”, discreto”, “sigiloso”, “reservado”, “não sou”, “não rola”, “macho”, “malhado”. Observamos nesses discursos autorrepresentativos a busca pelo silenciamento, e até mesmo a negação, das identidades homossexuais por meio da (re)afirmação da masculinidade hegemônica, da heteronormatividade, sobretudo de aspectos relacionados à voz e ao corpo masculino.

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

Com o surgimento de novas tecnologias, sobretudo das redes sociais, ficou ainda mais escancarada a aversão à efeminação, concomitantemente ao feminino, criando e propagando o que Richardson (2009) chama de “efemínofobia entre homens”, os quais tentam se adequar a uma masculinidade hegemônica por meio de discursos de heteronormatividade.

Por medo de sofrerem preconceitos, represálias e segregações sociais, muitos gays e bissexuais utilizam o espaço cibernético como esconderijo (um “armário virtual”) para seus relacionamentos homoafetivos e suas práticas sexuais, isso porque o ciberespaço, através do profundo processo globalizatório, oportunizou o crescimento e também a criação de novos ambientes capazes de alterar e intensificar as relações humanas, dividindo espaço com banheiros, becos, saunas e praças públicas.

Percebemos, nesse sentido, que muitos dos usuários do *Grindr* buscam reprimir-se e portar uma conduta de silenciamento e sigilo, conduta esta oriunda de processos de regulação e controle para a normatização da via que habilita a direção exclusiva da sexualidade e do gênero para o modelo heterossexual dominante. O armário passa a ser o lugar mais seguro para esses sujeitos desviantes, e suas práticas (homos)sexuais são mais bem aceitas subterraneamente. A busca pela discrição e pelo sigilo e a economia da visibilidade, tanto nos perfis do aplicativo quanto nas práticas homossexuais/homoafetivas, torna-se, então, uma forma de o preconceito, o ódio, a repulsa e a exclusão “do outro” não serem resultados para os desejos eróticos assumidos “do eu”.

O “não sou/não curto” mostra-se como um eufemismo discursivo que busca disfarçar o poder social das normas heterocêntricas, além de negar e coibir outras possibilidades de vivenciar as sexualidades e desejos homoeróticos. As masculinidades hegemônicas traçadas nos textos de perfil analisados buscam marginalizar e subalternizar as identidades que fogem à heteronormatividade, colocando-as em uma posição de anormalidade, no subterrâneo, além de convocá-las para que se “ajustem” às prescrições masculinas desejadas. Todas as práticas sexuais que fogem ao sagrado masculino heteronormativo acabam sendo fadadas à posição de sexualidades profanamente marginais.

Referências

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

ALENCAR, Venan Lucas de Oliveira. *Aplicativos de Encontros Gays: traços identitários de seus usuários em Belo Horizonte*. 130 páginas. Ano: 2017. Dissertação de Mestrado – Belo Horizonte/UFMG.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECKER, Howard. *Outsiders: Estudos de Sociologia do Desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada Amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 21, p. 71-96, 1996.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.

CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. London, New York: Gongman, 1992.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Homossexualidade e Educação Sexual: construindo o respeito à diversidade*. Londrina: Ed. UEL, 2007.

FLACH, Roberta Matassoli Duran. Abuso digital ou prova de amor? O uso de aplicativos de controle/monitoramento nos relacionamentos afetivo-sexuais. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 32, p. 1-14, 2019.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: EdUNESP, 1999.

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

GROHMANN, Rafael. Não sou/ não curto: sentidos circulantes nos discursos de apresentação do aplicativo *Grindr*. *Revista Sessões do Imaginário*. v. 21. n. 35. 2016. p. 71-79.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LASH, Scott. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. (orgs.). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARIUSSO, Victor Hugo Silva Gomes. *Caça às Bruxas Bichas: homossexualidade e violência no Brasil contemporâneo*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016.

MEDEIROS, Ettore Stefani de. *Textos Verbo-visuais de homens que se relacionam afetivosexualmente com homens: Te(n)sões entre Masculinidades no Aplicativo Grindr*. 156 páginas. Ano: 2018. Dissertação de Mestrado – Belo Horizonte/UFMG.

MISKOLCI, Richard. Discreto e fora do meio: notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 20, n. 44, p. 45-68, 2015.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Ines. (org.). *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

SARUP, M. *Identity, Culture and the Postmodern World*. Athens, GA: University of Georgia Press, 1996.

“Discreto, sigiloso, não afeminado”: representações identitárias

SILVA, Sandra Rúbia. Performances de masculinidade, práticas de subversão: o consumo de telefones celulares entre jovens de camadas populares. *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, v. 9, n. 26, p. 61-82, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

VERTOVEC, Steven. *Super-diversity and its implications: ethnic and racial studies*. New York: Gongman, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.